



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC

**IMPACTOS DA EXPANSÃO DO CAPITALISMO NO SÉCULO XX EM
GAURAMA/RS: SOCIEDADE, ECONOMIA E FUTEBOL.**

Leandro Marcio Puton

Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga

Erechim
Novembro/ 2023

LEANDRO MARCIO PUTON

**IMPACTOS DA EXPANSÃO DO CAPITALISMO NO SÉCULO XX EM
GAURAMA/RS: SOCIEDADE, ECONOMIA E FUTEBOL.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de
grau de Licenciado em História da
Universidade Federal da Fronteira Sul.
Orientador: Prof. Dr. Gerson Wasen Fraga.

ERECHIM

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Puton, Leandro Marcio

Impactos da expansão do capitalismo no século XX em
Gaurama/RS: sociedade, economia e futebol. / Leandro
Marcio Puton. -- 2023.

54 f.

Orientador: Prof^o Doutor Gerson Wasen Fraga

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Erechim,RS, 2023.

1. Colonização. Industrialização. Sociedade.
Futebol.. I. Fraga, Gerson Wasen, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

LEANDRO MÁRCIO PUTON

IMPACTOS DA EXPANSÃO DO CAPITALISMO EM GAURAMA: SOCIEDADE,
ECONOMIA E FUTEBOL

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau
de Licenciado em História da Universidade
Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi definido e aprovado pela banca em: 23/11/2023.

Examinadores:

Documento assinado digitalmente
gov.br GERSON WASEN FRAGA
Data: 23/11/2023 14:48:54-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dr. Gérson W. Fraga (UFFS)
Orientador


Dra. Isabel Rosa Gritti (UFFS)
Examinadora

Documento assinado digitalmente
gov.br TASSIANE MELO DE FREITAS
Data: 24/11/2023 09:52:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dra. Tassiane Mélo de Freitas (IFSul - Campus Charqueadas)
Examinadora

AGRADECIMENTOS

À aqueles que acreditam e trabalham pela universidade pública.

Ao meu orientador GERSON WASEM FRAGA, seu conhecimento e camaradagem foram determinantes para a conclusão do trabalho.

As pessoas que, com seu depoimento nortearam a pesquisa.

Silvana minha companheira e nossa filha Esther, minha mãe Leonilda.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo entender o processo de ocupação territorial e desenvolvimento social do município de Gaurama, seu surgimento como Vila Barro através da construção da ferrovia, a comercialização de lote de terras por duas empresas - uma pública outra privada - o povoamento, a urbanização, o surgimento do comércio do setor industrial, a ação do capital sobre a pequena sociedade, a produção da banha artesanal, sua comercialização e posterior industrialização, o futebol e sua importância no lazer e como instrumento de apoio à indústria frigorífica. No início do século XX o Estado do Rio Grande do Sul passou por importantes transformações econômicas. O enfraquecimento da exportação do charque desencadeou um processo de industrialização que buscou na migração interna e na ocupação de áreas um mecanismo de produção de matéria prima. Um desses produtos foi a banha que de base alimentar familiar nas pequenas propriedades rurais, passou a ver seu excedente na comercialização artesanal e posterior industrial. O trabalho procura no cotidiano e na formação da sociedade urbana a influência da indústria frigorífica na Vila Barro na década de 1930, a polarização entre Frigorífico Ipiranga e Cooperativa Santa Isabel que desencadeou disputas econômicas, esportivas, sociais e políticas. Através de pesquisa e depoimentos de pessoas que viveram e vivenciaram um recorte de tempo do século passado, procuramos entender os movimentos da sociedade e de como o futebol esteve presente não só como esporte, mas como agente influenciador, a serviços das empresas, na vida econômica e social das pessoas.

Palavras-chaves: colonização. Industrialização. Sociedade. Futebol.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo comprender el proceso de ocupación territorial y desarrollo social del municipio de Gaurama, su surgimiento como Vila Barro a través de la construcción del ferrocarril, la comercialización de terrenos por parte de dos empresas - una pública y otra privada - asentamiento, la urbanización, el surgimiento del comercio en el sector industrial, la acción del capital sobre la pequeña sociedad, la producción de manteca de cerdo artesanal, su comercialización y posterior industrialización, el fútbol y su importancia en el ocio y como instrumento de apoyo a la industria frigorífica. A principios del siglo XX, el Estado de Rio Grande do Sul experimentó importantes transformaciones económicas. El debilitamiento de las exportaciones de cecina desencadenó un proceso de industrialización que buscó la migración interna y la ocupación de áreas como mecanismo de producción de materias primas. Uno de estos productos fue la manteca de cerdo, que se utilizó como base de alimentación familiar en pequeñas propiedades rurales y comenzó a ver sus excedentes en la comercialización artesanal y posteriormente industrial. La obra busca en la vida cotidiana y en la formación de la sociedad urbana la influencia de la industria cárnica en Vila Barro en la década de 1930, la polarización entre el Frigorífico Ipiranga y la Cooperativa Santa Isabel que desencadenó disputas económicas, deportivas, sociales y políticas. A través de investigaciones y testimonios de personas que vivieron y vivieron una época del siglo pasado, buscamos comprender los movimientos de la sociedad y cómo el fútbol estuvo presente no sólo como deporte, sino como un agente influyente, al servicio de las empresas, en la vida económica y social de las personas.

Palabras clave: colonización. Industrialización. Sociedad. Fútbol.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A INDUSTRIALIZAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL	11
1.1 A produção da banha e sua industrialização.....	16
1.2 O Sindicato da Banha.....	18
2. VILA BARRO-GAURAMA, FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE SOCIAL E ECONÔMICA.	
2.1 A Ferrovia.....	21
2.2 O Povoamento.....	22
2.3 A organização urbana da Vila Barro.....	24
2.4 As empresas.....	28
2.5 O Movimento de emancipação.....	32
2.6 O futebol e sua ligação com a sociedade e a economia local.....	34
2.7 A falência das empresas.....	40
2.8 Os clubes de futebol.....	41
2.9 O operário jogador: a trajetória de Odilio Massaro "Nini" como um estudo de caso.....	44
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
4. REFERÊNCIAS	54

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo entender o funcionamento da sociedade local desde a colonização e organização urbana do distrito de Barro até sua elevação posterior como município de Gaurama, uma vez que o processo de desenvolvimento social e econômico estiveram ligados à implantação da rede ferroviária; à comercialização das terras por duas empresas (uma pública e outra privada); ao comércio de produtos agrícolas – principalmente a banha, produzida por pequenos agricultores que a comercializavam em pequena escala – e à expansão dos frigoríficos no estado do Rio Grande do Sul. A produção da banha e sua importância na economia substituindo o charque como principal produto de exportação coincidiu, na região, com a implantação do Frigorífico Ipiranga e da Cooperativa Mixta Santa Isabel, sendo essas duas empresas responsáveis pela polarização social e política, determinando a ocupação territorial da cidade e usando o futebol como ferramenta de domínio.

O Norte do Rio Grande do Sul teve a extração da madeira no início da colonização como principal viés econômico, seguindo primeiramente o caminho da ferrovia. O povoamento (venda de terras) foi feito por duas empresas, uma estatal e outra privada. A maioria dos imigrantes eram europeus ou descendente destes, vindos das “colônias velhas”. No distrito de José Bonifácio (Erechim), então pertencente ao município de Passo Fundo, a estrada ferro seguia rumo ao norte até o Rio Uruguai, na divisa com Santa Catarina, caminho onde surgiu a Colônia Barro, vilarejo que se desenvolveu em torno da estação de trem. Posteriormente, a localidade recebeu a ocupação de imigrantes e sua economia passou a crescer, abastecendo o mercado interno e, posteriormente, voltando-se à exportação. A facilidade de deslocamento criada pelo trem colocou o povoado no caminho entre duas capitais, Porto Alegre e São Paulo, o que permitiu um maior desenvolvimento das redes comerciais. Logo, uma atividade se destacaria, impulsionando o desenvolvimento da economia local: a exportação da banha.

A afirmação da indústria no estado no início do século XX permitiu a organização do capital privado na industrialização da banha através da criação do sindicato¹, o qual, em virtude de disputas políticas, motivou o surgimento da cooperativa da banha. Na vila de Barro isso representou o surgimento de dois frigoríficos, fato que, além de permitir uma concentração urbana maior, esquentou a economia local, desenvolveu a organização social e com ela os posicionamentos ideológicos e políticos. Tais frigoríficos se estabeleceram em locais opostos do planalto onde estava localizado o povoado de Barro, determinando a localização de cada empresa também as casas de seus funcionários, estando tudo isto delimitado também através da estrada de ferro.

O futebol surgiu em Barro na década de trinta, e não demorou em ser popular e ocupar a atenção da elite local e dos trabalhadores. A distribuição e o surgimento dos times de futebol e clubes foi norteadada pelos interesses e posições econômicas da população local, desencadeando, além da disputa esportiva, uma rivalidade dentro da classe operária que a impediu de organizar-se quanto classe trabalhadora, beneficiando o lucro do capital.

O princípio básico na busca de reconhecimento e valorização do trabalhador está na capacidade de mobilização e organização dos mesmos. No caso do distrito de Barro isso nunca se concretizou. A distância dos grandes centros impediu que o movimento sindicalista surgisse. A vaga de emprego sempre esteve numa visão nivelada entre a importância da mão de obra e o agradecimento à empresa pela oportunidade. O salário mensal, as residências à disposição dos moradores, o lazer através do incentivo ao futebol e aos respectivos times foram determinantes para um estado de submissão e inaptidão em busca de direitos trabalhistas.

Nossa hipótese é de que o município de Gaurama, desde o início do século XX, foi cenário de desenvolvimento econômico diante da colonização do norte do Rio Grande do Sul. O processo de urbanização esteve ligado ao desenvolvimento do comércio e ao surgimento das empresas que tiveram um papel importante não só no meio urbano, mas na consolidação da pequena propriedade rural. Com ação direta na economia local, acionistas do Frigorífico Ipiranga e cooperados da Cooperativa Mixta Santa Isabel travaram intensa competição na produção e na manipulação de seus funcionários através dos times de

¹ O Sindicato da Banha teve como objetivo controlar a comercialização da banha no estado do Rio Grande do Sul, bem como sua venda para outras regiões. Foi criado pelos setores do capital privado.

futebol: de um lado, o time que representava os donos do Capital, o Aliança, posteriormente o time do Ipiranga, ambos vinculados ao Frigorífico Ipiranga e, de outro lado, o Grêmio Santa Isabel ligado à Cooperativa. Ambas reproduziram a linha de disputa política do Estado, usando de seu poder econômico para a polarização política do município.

Para isso utilizamos como metodologia a pesquisa em livros e artigos que relatam o desenvolvimento da indústria da banha e sua importância para o Estado do Rio Grande do sul e a colonização do distrito de Barro, posteriormente município de Gaurama. Como fontes primárias, nos valeremos de documentos, mapas, fotos e relatos de pessoas que trabalharam ou familiares de trabalhadores das empresas aqui citadas.

1. A INDUSTRIALIZAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

A economia gaúcha desde o período colonial sempre esteve atrelada aos interesses econômicos da metrópole. A ocupação e povoamento do território por europeus deu-se primeiramente por luso-brasileiros e de forma tardia em relação às demais áreas da colônia, tendo como principal motivo questões militares com fins estratégicos, uma vez que a região era de fronteira e próxima ao rio do Prata. A criação de estâncias de gado gerou grandes latifúndios, terras concedidas pelo império para militares que, em contrapartida, usavam a estrutura e a mão de obra existente em suas propriedades para criar verdadeiros exércitos particulares utilizados em ações militares para defender as fronteiras da coroa.

Com o intuito de assegurar o território e a estrutura de latifúndio pastoril, a classe proprietária de terras procedeu a uma ocupação geográfica de baixa densidade demográfica. O surgimento das charqueadas no século XVIII, amparada no setor escravista que até então não tinha se constituído na região, mudou o panorama econômico do Rio Grande do Sul, tornando-o um centro de pecuária extensiva e produção charqueadora, explorando ainda o comércio do couro, atendendo à demanda nacional.

O século XIX apresentou a mesma necessidade de ocupação territorial para a metade norte do estado, a qual foi suprida pela vinda de imigrantes europeus que implementaram um novo sistema econômico baseado na pequena propriedade e no trabalho familiar, resultando em uma nova realidade econômica. Criavam-se assim atividades comerciais e industriais necessárias primeiramente para suprir o mercado local e, posteriormente, abrindo um novo momento com as exportações regionais.

Uma crise econômica do setor pecuário-charqueador acabaria por surgir. No caso do charque, em razão da concorrência com o charque platino que tinha melhor qualidade e preço inferior e ainda chegava nos principais portos do país, inclusive no Rio Grande do Sul. Aliado a isto, havia a falta de investimentos e a dependência de mão de obra escrava, sendo que na região platina o charque era produzido por trabalhadores remunerados. Já a pecuária não conseguia se manter competitiva sob um sistema de produção que não buscava inovações, sofria crises sucessivas e se assentava em grandes propriedades de terra. Esta crise possibilitou o surgimento da agropecuária colonial e da acumulação comercial se

dividindo em dois sistemas econômicos: ao Norte a diversidade agrícola desenvolvendo o mercado regional e a exportação, e ao sul, a pecuária extensiva. Em sua metade norte, o Rio Grande do Sul presenciou o crescimento vertiginoso de uma produção agropecuária através do beneficiamento e processamento agroindustrial, tendo como principais produtos a farinha, o fumo, a erva-mate, o vinho e a banha, agindo decisivamente na mudança comercial local em virtude da diminuição de importação de alimentos. Essa nova realidade impactou a organização social do Estado uma vez que a parte norte partilhou a terra em pequenas propriedades, contribuindo para a concentração maior de pessoas, as quais intensificaram os movimentos de geração de capital e acúmulo do mesmo, o que foi determinante para o investimento na industrialização. A integração espacial deste mercado a outras regiões deu-se através de redes fluviais e da implantação da ferrovia, tendo o deslocamento rodoviário pouca participação.

Um fator importante na consolidação da indústria foi a mudança gerada pela Proclamação da República que conferiu maior autonomia aos governos estaduais. No Rio Grande do Sul, a ruptura do controle político possibilitou a ascensão de uma ideologia positivista de natureza burguesa e conservadora, que atuou através do Partido Republicano Riograndense. Este promoveria ações intervencionistas na economia do estado, ampliando os quadros públicos, abrindo espaço na política para a classe média, controlando instituições públicas, apoiando ações econômicas e sociais dentro de um projeto de desenvolvimento diversificado, englobando parte de pecuaristas, pequenos proprietários rurais, banqueiros, industriais e comerciantes.

A indústria gaúcha esteve ligada diretamente ao nascente setor burguês do Estado. A acumulação de capital incrementou um desenvolvimento diferenciado do centro do país, onde o capital agrário exportador foi o agente principal. No Rio Grande do Sul, a classe comercial focava o comércio interno, sem interesse pelas exportações para fora do território brasileiro, deixando de certa forma o processo industrial local num patamar secundário. No período da Velha República, poucas empresas mantiveram um ritmo contínuo de crescimento, as grandes já nasceram grandes e apenas consolidavam sua estrutura.

Esta produção industrial localizada na metade norte do estado era bem diversificada, com predomínio das beneficiadoras de matéria prima oriunda do setor agropecuário. O investimento em máquinas representou uma mudança na planta industrial, uma nova

organização do trabalho, submetendo o mesmo ao capital. A tecnologia aumentava a produção e exigia mão de obra mais qualificada. Por outro lado, explorava enormemente trabalhadores pouco qualificados, incluindo mulheres e crianças. As duras condições de trabalho nas fábricas acabariam por motivar várias greves entre os trabalhadores².

Os movimentos de trabalhadores coexistiram com a prática assistencialista de empresas que buscavam controlar a classe proletária com benefícios que pudessem tranquilizar o setor produtivo, uma forma de domesticação do operário. A necessidade de construir uma imagem de bom patrão tornou-se fundamental na manutenção da produção e da implementação de políticas produtivas que iam além da fábrica, invadindo o cotidiano e a vida das pessoas.

O controle burguês sobre a indústria refletiu a força econômica e política junto ao governo Estadual. Seguindo a cartilha positivista da época, o capital abraçou muitas questões sociais que caberiam ao Estado, o qual em alguns momentos era inerte e ao mesmo tempo conivente com o objetivo de controle do capital sobre o trabalho.

Essa burguesia atuava além da fábrica, aproximando-se de grupos específicos e fazendo alianças. Consolidou a ação dos empresários no controle do estado em momentos de descontentamento da classe trabalhadora e, mesmo cedendo em algumas questões, não perdia o controle, pois quando necessário, a força do Estado agia em seu favor. Os trabalhadores, inseridos em um novo modelo de produção, receberam formação profissional para melhor produzir. As ações assistencialistas do capital buscavam, além de melhorias no lucro, exercer sobre o proletariado um controle para não ter perdas. Esse investimento alcançava toda a família do trabalhador, construindo uma proximidade que auxiliava na manutenção da ordem estabelecida.

O Estado articulou economicamente usando a estrutura do poder para criar um modelo de desenvolvimento regional desvinculado ao latifúndio tradicional, apoiando a colonização e a expansão da agropecuária colonial com incentivos e apoio na infraestrutura, na

² Citamos como exemplo a greve de mineiros de 3 a 11 de fevereiro de 1916 em São Jerônimo e a de 14 à 11 de junho de 1918 em Arroio dos Ratos; a greve de tecelões em Porto Alegre em 1916 ou ainda a greve de operários da fábrica de tecido F.G.Bier de Porto Alegre em agosto de 1919.

organização dos produtores agrícolas e agroindustriais por entidades, encampando portos e ferrovias, ampliando o mercado interno, financiando a ampliação produtiva bem como usando de uma política de isenção para estimular as exportações. Em comparação com o desenvolvimento industrial de São Paulo o qual foi fomentado principalmente pela mão de obra de imigrantes, atendendo o mercado externo, no Rio Grande do Sul a industrialização tomou corpo aos poucos, sua principal função foi primeiramente o abastecimento interno, resultado de um processo de substituição da produção artesanal, que permitiu diversidade e pluralidade em produções primárias. (LAGEMANN,1980, p.116).

O surgimento do mercado de trabalho sul-riograndense foi resultado simultâneo do desenvolvimento das sociedades da pecuária e das colônias, as quais, com o passar do tempo, geraram excedentes demográficos absorvidos pelo desenvolvimento urbano e industrial que, na segunda metade do século XIX, começou através da implantação de fábricas metalúrgicas e têxteis com a evolução fabril de manufaturas e agroindústrias financiadas com o capital comercial vindo do acúmulo nos fluxos mercantis da zona colonial. Tais fluxos permitiam a comercialização interna e a exportação para outras regiões do país e do exterior. Alguns setores como frigoríficos e a área têxtil passaram a receber investimentos externos. A indústria teve dificuldades no início com a falta de força de trabalho, direcionando a mesma para a prática assistencialista com o objetivo de atrair e manter funcionários.

O empresariado, através de tais mecanismos, invadia a vida privada da classe operária, estimulando a constituição de um núcleo familiar estável, destacando a importância do lar e, por suposto, da moradia para a estabilidade social. A estratégia da construção de habitação para operários conjuga-se, desta forma, às demais iniciativas de assistência social, de lazer e de educação, atividades todas controladas pela fábrica, que garantem a

preservação de uma mão-de-obra dócil, estável e adaptada aos métodos de produção e trabalho. (PESAVENTO, 1988 p. 81).

O assistencialismo tornou-se a ferramenta para que a burguesia industrial se mantivesse na ativa. A escassez de mão de obra era um problema. O custo de vida era mais baixo no Estado em comparação com o resto do país. Assim a indústria tomou atitudes diversas para atrair o trabalhador como escola para os filhos, formação profissional, aumento salarial e melhores condições de trabalho. As ações impulsionaram a produção, incentivando a mão de obra feminina e dando preferência à contratação de homens casados com o intuito de ter o casal trabalhando, vinculando a família à fábrica.

A presença de imigrantes europeus e seus descendentes fora determinante no aspecto de fornecimento de mão de obra. O desenvolvimento da atividade artesanal em grande escala permitiu o surgimento da indústria amparada no aporte de capital comercial oriundo do acúmulo de fluxo mercantil da zona colonial proveniente de produtos agrícolas e seus derivados que chegavam a Porto Alegre, e através da capital até o porto de Rio Grande e aos mercados externos.

No século XIX, as necessidades de ocupação e povoamento do território continuaram determinando a imigração para o Rio Grande do Sul, redundando no estabelecimento de um segundo sistema econômico, a agropecuária das colônias de imigrantes europeus, baseada na pequena propriedade e no trabalho familiar. Esse segundo sistema econômico regional experimentou um intenso processo de diferenciação, desdobrando-se nas atividades comerciais e na formação da maior parte da indústria regional, produzindo para atender os mercados locais e posteriormente incrementando as exportações regionais (HERRLEIN, 204, p. 179).

Durante a Primeira República a indústria no Estado teve um perfil diferenciado. Na capital e nas maiores cidades da Região Norte predominavam pequenos e médios estabelecimentos com produção de bens não-duráveis como alimentação, bebidas, têxteis,

vestuário, calçados, vidros e metalurgia visando o mercado local. Já no Sul do Estado, Rio Grande e Pelotas tinham indústrias de porte médio e grande, onde a produção no ramo têxtil, de alimentos, fumo e couro era voltada para a exportação a outras regiões brasileiras devido a uma concentração maior de estrutura de produção e acesso fácil ao mar através do porto.

As condições favoráveis ao surgimento da indústria gaúcha também passaram pela organização e ocupação territorial com o início da produção de bens não duráveis no ramo alimentício, resultante da necessidade da população interna, gerando o excedente que desencadearia a exportação estritamente para o mercado brasileiro, em especial para as regiões produtoras de café, as quais tornaram-se importantes mercados compradores do produto local. O latifúndio, que até então era um entrave ao desenvolvimento amplo, pegou carona na comercialização de produtos das pequenas propriedades e, como elas, aproveitou os novos meios de locomoção para comercializar seus produtos interna e externamente. Assim, o Rio Grande do Sul teve duas frentes, fornecendo matéria prima à industrialização e permitindo ao estado uma nova organização social e econômica.

1.1- A produção da banha e sua industrialização

A República Velha (1889-1930) é um momento de transição na economia do Rio Grande do Sul. A região da campanha perde espaço para outras regiões com uma nova reorganização econômica, social, tecnológica e política. O capitalismo começa a tomar forma no Estado. A policultura ganha foco no mercado local. O charque e os couros deixam de ser os principais produtos do Rio Grande do Sul com o surgimento da indústria do vinho, a confecção do fumo e, principalmente, da fabricação de banha. A campanha não ofereceu outro produto para o lugar do charque e do couro. Em 1861, estes produtos representavam 70% das exportações sendo que em 1927 não passavam de 25%. (ADAM, 2017, p. 2).

A criação de suínos seguida da produção de banha é uma atividade que fomentou a economia de muitos municípios da metade norte do Rio Grande do Sul. Além da banha e demais produtos derivados dos suínos, proporcionou o incremento necessário para o surgimento de complexos agroindustriais. A banha e o charque tornaram-se duas atividades divisoras do território do Rio Grande, onde a banha apresentou uma produção em áreas de

planalto, serra e regiões de mata – mais precisamente a região do Vale do Taquari – posteriormente se estendendo ao norte do Estado, próximo ao Rio Uruguai, tendo o município de Erechim como referência. Com isso o norte do Estado passou a ter um papel importante na economia do Rio Grande do Sul.

O porco teve papel fundamental na consolidação da pequena propriedade rural, no estabelecimento e manutenção da família, tendo o excedente da produção servido de barganha em negociação. O Estado nesse período ampliou sua importância na construção de caminhos para a comercialização de produtos. O investimento em estradas e na ferrovia permitiu o fortalecimento das relações comerciais interna e externamente, enquanto a região da campanha amargava sua incompetência na gestão de seu produto. A produção da banha deu-se primeiramente nas colônias velhas ligadas a imigrantes alemães e seus descendentes (uma vez que imigrantes italianos e seus descendentes optavam pela produção da uva). No norte do Vale do Taquari, em virtude do relevo, o porco aos poucos tornou-se uma atividade de italianos e um importante produto de exportação. A banha era um dos produtos gerados pela criação de porco, permitindo renda e ao mesmo tempo alimentação aos pequenos produtores. Em relação a comercialização, sua exportação para o resto do país foi determinante para a consolidação da produção e industrialização.

No início a matança era doméstica e realizada na propriedade do agricultor. A banha era conservada em tanques, o que fazia cair a qualidade e automaticamente a comercialização. A exportação sofria oscilações mas o ganho econômico era significativo. O comércio interno era estável, o que permitiu certa estabilidade tanto na produção como na venda. A venda direta da banha pelo colono-comerciante impulsionou o processo de refino e a necessidade de um produto melhor para aumentar o lucro e a competitividade, alcançando mercados melhores como Porto Alegre e possibilitando à exportação para cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

Na questão da industrialização da banha, o poder do capital comercial foi determinante para sua consolidação. O aumento da produção e da procura do produto motivou o investimento de quem fazia a ligação entre produtor e consumidor. No final do século XIX e início do XX, as maiores refinarias do estado pertenciam a empresários ligados ao comércio, produzindo, além da banha, produtos derivados do porco como salame, salsicha, presunto, carnes preparadas e bacon, fortalecendo o processo capitalista

representado por parte da burguesia do Estado. Os primeiros frigoríficos no início do século XX foram estrangeiros, com foco na exportação, os quais empregavam uma tecnologia diferente no processo de industrialização. Diante da recessão econômica no governo Campos Salles (1898-1902), uma ação natural do capitalismo aconteceu e as pequenas refinarias foram sendo absorvidas pelas maiores. Somente em 1917 foi criada a Companhia Frigorífica Rio Grande (posteriormente vendida ao um grupo britânico) na cidade de Pelotas, com capitais locais e financiamento do Banco Pelotense. No início da segunda década do século XX existiam aproximadamente 28 refinarias. A década de 1930 assistiu um crescimento de frigoríficos nacionais instalados no Rio Grande do Sul, fomentados com recursos associativos e de capitais familiares. Refinarias, principalmente nas regiões norte e nordeste do Estado, aos poucos se incorporam e ampliaram suas instalações, transformando-as em Frigoríficos. Importante para compreender a industrialização frigorífica é lembrar que o Brasil na época estava vivendo a falência do modelo agroexportador. Os produtos exportados pelo Rio Grande do Sul – no caso couro, charque e banha – eram produzidos de forma rudimentar e artesanal e, dentro de um processo de descapitalização, estâncias e charqueadas perderam competitividade. Com a mudança na economia, a exportação de toucinho e de banha teve crescimento. A banha tornou-se um dos principais produtos da economia local, sendo exportada para o mercado interno brasileiro e para o mercado internacional como Inglaterra, Alemanha e França o que aproximou os empresários do mercado financeiro, criando associações e concentrando o controle sobre a produção e comercialização.

1.2 O Sindicato da Banha

O Sindicato da Banha foi criado pela elite dos refinadores de banha que almejavam o monopólio do produto. Com o controle da produção e das vendas, garantiam a concentração do capital e investimentos tecnológicos permitindo que todas as refinarias do estado fizessem parte do grupo, garantindo assim o controle dos preços. Com o apoio do governo estadual que entendia a padronização da banha como um fator que melhoraria sua comercialização, o Sindicato acreditava que eliminaria intermediários entre o colono e os refinadores. Representado pela Sociedade da Banha Sul Riograndense Ltda, o Sindicato agiu na diminuição de 38 para 26 refinarias de banha, das quais era dono da maioria. Ele

gozava de favores por parte do governo do Estado como a isenção da taxa bromatológica e a proibição de exportação de banha que não fosse sindicalizada, controlava o mercado e agia de forma a retrair compras para baixar o preço da matéria-prima, atingindo diretamente os pequenos produtores. Desta forma, o Sindicato não era exatamente uma unanimidade.

Na região norte do Estado, faziam parte do Sindicato refinarias localizadas em Passo Fundo, Erechim e Viadutos, inclusive a Sociedade de Productos Suínos Barrense Limitada, sediada na Vila Barro, que futuramente se tornaria o Frigorífico Ipiranga S/A. O Sindicato representou a inovação tecnológica na produção, fator importante para manter a competitividade, fez investimentos em novas plantas industriais com a instalação de frigoríficos modernos que aproveitavam melhor a matéria prima, o que a princípio traria maior ganho ao produtor. Espalhando-se pelo interior do Estado, as refinarias controladas pelo sindicato padronizavam praticamente 70% da banha produzida com aumento significativo dos lucros e sem uma forte concorrência. A concorrência estava nas poucas empresas que se negaram a associar-se por não concordarem com as condições impostas, entre elas o Frigorífico Serrano em Ijuí e a empresa A. Costi & Filho em Encantado. O monopólio do Sindicato, avalizado pelo governo do estado, dava exclusividade de exportação, ficando as empresas independentes na contingência de ter seus produtos comprados por ele.

O início da década de 1930 representou um grande crescimento nas vendas da banha no mercado externo e interno, mas trouxe também a concorrência da banha trazida de outros estados e do exterior, como a banha produzida no EUA. Diante da concorrência, em 1933, uma grande venda para mercados ingleses trouxe uma euforia que durou pouco diante das denúncias da imprensa do centro do país que noticiava a ação do governo do estado em patrocinar e arcar com prejuízos para que a banha gaúcha tivesse um preço melhor que a concorrência. O estado justificou a ação como benéfica aos seus interesses, uma vez que a exportação era importante para a manutenção da produção da banha. Quanto ao Sindicato, a necessidade de ter preço competitivo era usada como justificativa para baixar o preço da banha bruta comprada do produtor, bem como outras ações que culminaram em 1934 na suspensão da compra de suínos da serra. O poder do monopólio e a segurança dada pelas ações do Estado propiciou ao Sindicato grandes lucros. Isso despertou na sociedade um sentimento de indignação que movimentou colonos e empresários

descontentes com a ação do mesmo. Com a aproximação de comerciantes e produtores, movimentos associativos originários das cidades de Carazinho e Ijuí motivaram a criação de cooperativas, ao tempo em que batiam de frente com o poder do Sindicato. Ações como essa começaram a fomentar a criação de várias cooperativas de pequenos produtores, sendo a maior delas a Cooperativa Sul Rio-Grandense da Banha. Vinculadas a esta, surgiu na cidade de Getúlio Vargas a Cooperativa de Produtores de Banha Sant'ana (1935) e, na Vila Barro, a Cooperativa de Produção de Banha Santa Isabel Ltda (1936).

A produção de banha no norte do Rio Grande do Sul esteve vinculada à ocupação do território, em sua grande maioria por migrantes das colônias velhas que tinham na produção de porcos a segurança alimentar da família. O povoamento e o processo comercial criaram aproveitamento do excedente da produção de banha que aos poucos, além do consumo local, passou a ser um produto de exportação. O surgimento de refinarias melhorou a qualidade do produto. Com melhoras nas vendas, o capital comercial passou a investir em tecnologia, o que levou à criação de empresas de cotas e associações de produtores seguindo os passos do processo de criação de frigoríficos no estado.

No início da década de 1930, Erechim era o maior produtor de banha do Estado. Município com uma extensa área que abrangia boa parte territorial do que hoje é a região do Alto Uruguai, Erechim teve suas primeiras refinarias ainda em 1919. Estas foram surgindo na maioria das vilas do município, consolidando a comercialização e o aumento da produção que contribuiu para o surgimento de frigoríficos.

A década de 1930 foi marcada por uma crise na produção da banha no estado. Com altos e baixos, a economia estava refém da dificuldade nas exportações. Ações do Sindicato apoiado pelo estado penalizaram o produtor no valor da compra. Houve desmotivação na produção e a manutenção do rebanho de suínos em virtude do preço. Intensificou-se o embate entre o Sindicato da Banha e as associações de colonos. Essa disputa chegou ao campo político onde, em meados de 1934, importantes mudanças aconteceram na política econômica do estado, entre elas a isenção das taxas bromatológicas para cooperativas e empresas do setor suinícola e a revogação do monopólio do Sindicato diante das exportações. Em 1937 o Estado criou o instituto Rio-grandense da Banha para substituir o Sindicato e a Sociedade da Banha com o objetivo de conciliar os interesses dos produtores da indústria e da exportação. Porém, esta ação de nada adiantaria, pois as

marcas deixadas pelas ações do sindicato e a forma como o Instituto se constituiu, somando-se às posições de disputas políticas, fizeram com que o Instituto fosse fechado no mesmo ano.

Não bastassem as disputas e quedas significativas nas exportações, nos anos 40 a Peste Suína Clássica atingiu a produção de porcos nos Estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, o que comprometeu a venda de banha para o mercado interno. Já nos anos 50 a produção no Estado aumentou. Os derivados do porco, além da banha, ganharam mercado e aos poucos a banha que até então era o principal produto passou a exercer um papel secundário. A concorrência da banha com o óleo vegetal já podia ser notada na década de 1930. Aos poucos o setor industrial passou a modernizar sua produção substituindo a produção de banha pela carne do porco e seus derivados.

2. VILA BARRO-GAURAMA, FORMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE SOCIAL E ECONÔMICA.

2.1 A Ferrovia

O trecho da ferrovia Santa Maria a Marcelino Ramos, sentido sul-norte, dentro do projeto ferroviário São Paulo-Rio Grande, determinou o surgimento de vilas circundado as estações. Neste contexto surgiu a estação Colônia Barro. A ferrovia São Paulo-Rio Grande, que surgiu com fins iniciais geopolíticos de defesa contra invasões externas, tornou-se uma ferramenta importantíssima no desenvolvimento econômico e no processo migratório interno. No caso da colônia Barro, a ferrovia foi determinante para o desenvolvimento do capital e a expansão do mercado. A partir do assentamento dos trilhos, veio a exploração da madeira das florestas, a oferta de terras através de colonizadoras e a chegada de colonos. A vila Barro veio após a chegada dos trilhos. Os trabalhadores na construção da rede ferroviária foram os primeiros a contribuir para o crescimento populacional da região. Grande parte das terras foram loteadas por duas companhias colonizadoras, tendo a linha do trem demarcando as áreas de atuação: as terras a Oeste, na direção de três Arroios e Santa Catarina, foram comercializadas pela companhia privada Luce Rosa, e a Leste, em ação pública, foram loteadas pela Comissão de Terras.

Na estação Barro, o trem misto, o trem noturno, o trem internacional, os trens exclusivos para cargas e, esporadicamente, o “trem pagador” passaram a regular a vida, o processo de urbanização, as práticas econômicas e a interiorização de novos hábitos e costumes. (WOLFF, 2005, p. 191)

Barro tornou-se referência comercial e regional. A produção de madeira e a produção familiar e artesanal de banha que posteriormente evoluiu para a industrialização, nortearam os acontecimentos econômicos futuros do povoado.

A estrada de ferro aproximou capitais, como São Paulo e Porto Alegre, da produção para exportação de produtos locais. A criação de porcos foi um importante incremento econômico nas pequenas propriedades rurais de Barro. A matança dos animais acontecia na casa do colono, a banha artesanal era comercializada a granel no comércio local, armazenadas em tulhas e depois colocadas em galões e exportadas para São Paulo. Após os anos de 1930, com o surgimento de frigoríficos, passou-se a exportar o animal vivo para as capitais. Como a banha comercializada no centro do país até então era importada da Inglaterra, a produção nacional despertou em alguns empresários o interesse de ter um monopólio nacional, como foi o caso de Francisco Matarazzo, o qual tinha prepostos em Barro e em outras localidades para comprar suínos vivos.

2.2 O Povoamento

O fator determinante nas sociedades capitalista esteve presente desde o início da ocupação territorial do norte do Rio Grande do Sul. Em Barro, a empresa Colonizadora Luce Rosa & Cia Ltda surgiu a partir da compra feita por Adolfo Guilherme Luce e Timóteo da Rosa os quais adquiriram a parte dos demais sócios da Gesellschaft Luce Rosa & Cia Ltda, empresa que havia adquirido 3.631 colônias de Terra com 25 ha localizados parte no estado do Rio Grande do Sul e parte no estado de Santa Catarina.

Já a Comissão de Terras chegou em Barro acompanhando a construção da Ferrovia, comercializando os lotes do estado próximos à estrada de ferro. Ambas as empresas vendiam lotes aos colonos que, na grande maioria, não tinham recursos para pagamento à vista. Assim, muitos negociavam trocando serviços como abertura de picadas e caminhos

como pagamento de parte da dívida. Havia a predominância de colonos alemães, italianos e poloneses no início, sendo que a Comissão de Terras fomentou a chegada de profissionais como ferreiros, marceneiros, sapateiros, alfaiates, dentistas, professores e comerciantes, com o intuito de formar o povoado, primeiramente em Balisa³ e, posteriormente, em Barro, uma vez que a ferrovia foi construída do Sul para o Norte, chegando antes em Balisa.

O Estado do Rio Grande do Sul incentivou os movimentos migratórios internos, pois a ocupação de áreas pequenas fortalecia o capitalismo proposto pela visão positivista da época. Após o desmatamento, a ocupação da terra por pequenos agricultores produzia a economia de subsistência a qual superou a necessidade de importação de produtos manufaturados, criando excedentes que passaram a ser comercializados via estrada de ferro, principalmente a banha, que passou a ser uma importante fonte de renda, uma vez que a criação de suínos estava presente em praticamente todas as propriedades agrícolas da região.

No contexto do povoado de Barro, inúmeras atividades foram se constituindo pela imigração de europeus, principalmente alemães, os quais em sua terra natal não eram agricultores e sim trabalhadores das minas de carvão, entre outras atividades que resultaram na criação de casas comerciais e de prestação de serviços. O forte comércio regional de terras e de madeira permitiu o fortalecimento dos negócios impulsionado pela ferrovia. A construção de estradas de rodagem, incentivadas pelas duas companhias colonizadoras, favoreceu a comercialização de produtos e elevou a colônia Barro a um patamar de destaque na região. Colonos e comerciantes tornaram-se atores do fortalecimento econômico daquela sociedade que estava em crescimento mas como em todo crescimento econômico capitalista, a maioria das famílias trabalhavam apenas para sua manutenção. O sonho de enriquecimento que motivou a emigração e migração interna do Estado, apenas se concretizou para poucos.

A banha tornou-se um produto economicamente importante. Produzida através de matança doméstica na casa dos colonos, era entregue a granel no comércio que a colocava em toneis e exportava para São Paulo através da ferrovia. Com a criação de frigoríficos em São Paulo e Porto Alegre, passou a existir a exportação de animais vivos, criando na região a atividade de tropeiros de porcos, os quais conduziam centenas de animais até o local de

³ Balisa é atualmente um distrito do município de Gaurama.

entrega, atividade que teve pouca duração em virtude da chegada de caminhões para o transporte. Com o surgimento dos frigoríficos em Barro, aos poucos o processo industrial da banha substituiu a produção caseira e artesanal, e os moldes capitalistas passaram a controlar a produção e exportação.

O núcleo urbano de Barro foi resultado da venda de terras por parte das empresas colonizadores, da extração da madeira por parte das serrarias, das casas de comércio e do barracão dos imigrantes, local que recebia e alojava os que chegavam ao distrito. Segundo Wolff (2005, p. 219), a população em 1926 era de 983 habitantes, havendo 197 edificações.

A relação comercial entre colonos e comerciantes foi determinante na constituição do povoado. Comerciantes que compravam grande quantidade de produtos dos colonos, outros que somente possuíam a venda e aqueles que eram meros atravessadores movimentavam os espaços urbanos, não só no que se refere à economia, mas também no que toca às relações sociais, políticas, o lazer e à interlocução das informações que os moradores recebiam dos caixeiros-viajantes. A maioria desses comerciantes vinha das Colônias Velhas e chegaram à região com a ferrovia e a expectativa de bons negócios.

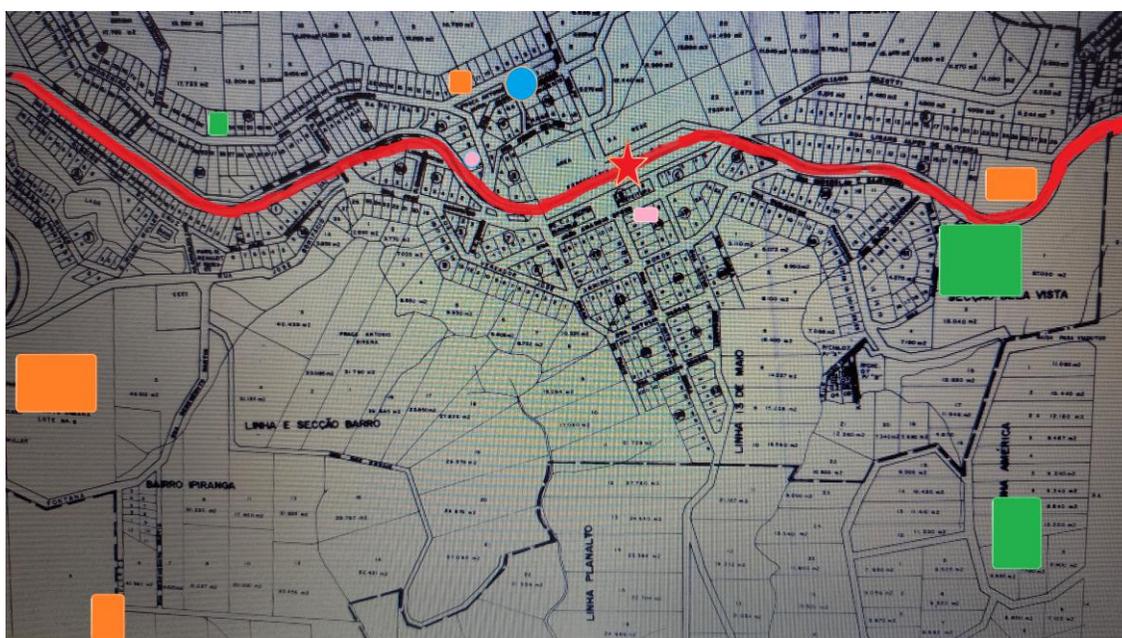
O processo comercial possibilitou o surgimento de outras atividades que contribuíram para a expansão urbana. Barro firmou-se como centro comercial de produtos agrícolas. Como segundo distrito de Erechim, muitas empresas de atuação regional tinham suas matrizes no povoado. O sucesso econômico não acompanhou todos os comerciantes, àqueles que foram bem sucedidos passaram a exercer um poder local, não só na economia e na geração de emprego e renda, mas também nas posições políticas e sociais da comunidade.

2.3 A organização urbana da Vila Barro

No desenho urbano, conforme o mapa feito em 1976 e com posteriores alterações (foto 01), a ferrovia assinalada pela linha vermelha delimita o norte e o sul, com a estação ferroviária (estrela em vermelho) localizada no centro, permanecendo até hoje como referência do início da ocupação territorial. A sede da companhia Luce Rosa (circulo rosa), as casas mais imponentes, a igreja (circulo azul), o hospital, o cemitério e a escola, o Clube Aliança (retângulo em laranja próximo a Igreja), o campo do Aliança (retângulo laranja localizado a Leste) e o clube Gauramense (retângulo em verde mais a oeste) ficavam ao

Norte. As casas simples onde residiam a grande maioria dos trabalhadores assalariados, a sede da comissão de terras (retângulo rosa próximo a estação ferroviária), o campo de Santa Isabel (retângulo em verde ao leste) e o campo do Ipiranga (retângulo em laranja ao oeste) ficavam ao Sul. Dividida entre duas empresas, a Leste a Cooperativa Mixta Santa Isabel (retângulo em verde), e a Oeste o frigorífico Ipiranga (retângulo em laranja), ambas empresas localizadas em pontos de relevo alto, destacando-se e, de certa maneira, olhando uma para outra.

Foto 01. Mapa da cidade de Gaurama feito em 1976.



Fonte: Acervo Prefeitura Municipal de Gaurama

Na foto (02), do *Google Maps* atual, temos a leste, no círculo verde, a sede da Cooperativa Mixta Santa Isabel e, mais ao sul, no quadrado verde, o campo do Grêmio Santa Isabel. A Oeste o círculo laranja assinala o local do Frigorífico Ipiranga S.A e, ao sul, o quadrado laranja aponta o campo do Ipiranga. Também podemos verificar na foto seguinte (03) o mapa do estado do Rio Grande do Sul onde se localiza a cidade de Gaurama.

Foto 02. Mapa da cidade de Gaurama atual.



Fonte: Google Maps.

Foto 03. Mapa do Estado do Rio Grande do Sul.



Fonte: Google Imagens.

A vida social estava ligada ao dia-a-dia das empresas. O clube Aliança era vinculado ao Frigorífico Ipiranga, associação da elite local. Seu clube só permitia a entrada dos sócios, era praticamente impossível encontrar ali os trabalhadores da cooperativa e do próprio Frigorífico Ipiranga. A localização de sua sede, a qual existe até os dias de hoje, está em um dos lugares mais altos da cidade, próximo à Igreja Católica. Por outro lado os membros da cooperativa, com algumas exceções em determinado período, juntamente com os funcionários, tinham como clube social o Gauramense, o qual em bailes, além dos sócios, recebia funcionários do Frigorífico Ipiranga, trabalhadores que não eram sócios no Aliança, o que os impedia de frequentar àquele espaço. A sociedade estava como esteve por muito tempo, dividida pela questão econômica e pela divisão de classe. Por décadas ficou muito claro a discriminação e o fracionamento social, as limitações aos trabalhadores e suas famílias não só nos espaços da sociedade como também nas oportunidades de desenvolvimento profissional e intelectual.

Os bailes aconteciam em ambos os clubes sociais, com escolhas de suas respectivas rainhas (fotos 4 e 5). Quem era de um clube não frequentava o outro.

Foto 04. Coroa das Rainhas do Clube Aliança.



Fonte: Acervo Museu Municipal.

Foto 05. Coroa das Rainhas do Clube social o Gauramense.



Fonte: Acervo Museu Municipal.

2.4 As empresas

A Sociedade de Produtores Suínos Barrense Limitada, tornando-se posteriormente no Frigorífico Ipiranga, constituiu-se em 12 de dezembro de 1936. Sua origem está no capital integralizador do comércio local juntamente a participação de outras refinarias vinculadas ao Sindicato da Banha.

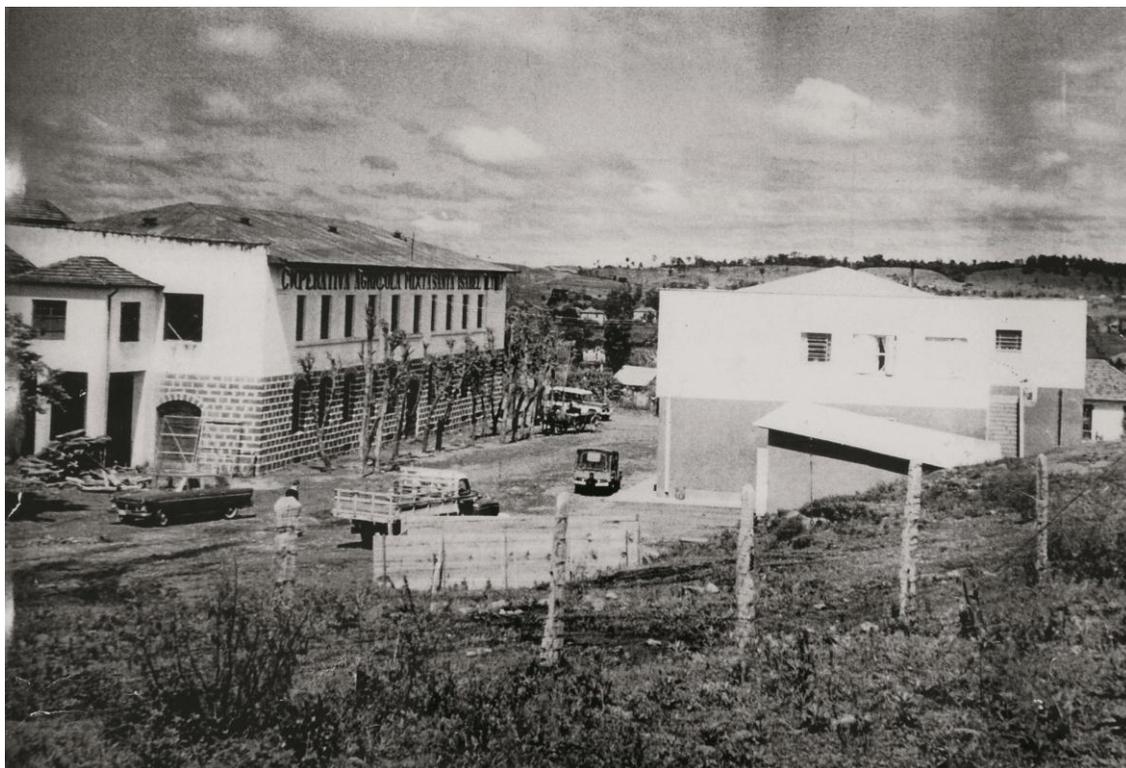
Foto 06. Sociedade de Produtores Suínos Barrense Limitada.



Fonte: Acervo Museu Municipal.

A Cooperativa de Produção de Banha Santa Isabel Ltda, constituída em 30 de agosto de 1936 (foto 07), posteriormente Cooperativa Agrícola Mixta Santa Isabel, tinha sócios em vários municípios do norte do Estado, com agências no Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Maringá e Porto Alegre. Com cerca de 2.500 associados, possuía armazéns de atendimento aos sócios bem como postos de recebimento de suínos nos distritos, atuais municípios, de Mariano Moro, Severiano de Almeida, Carlos Gomes e Viadutos. As assembleias aconteciam com festa dos associados (foto 08).

Foto 07. Cooperativa de Produção de Banha Santa Isabel.



Fonte: Acervo Museu Municipal

Foto 8: Festa dos associados da Cooperativa Santa Isabel Ltda.



Fonte: Acervo Museu Municipal.

Os dois frigoríficos refletiam duas formas distintas de capitalização, uma por contas outra como ação cooperativista, que refletiram o desenvolvimento social do Distrito. No Estado a disputa entre o Sindicato da Banha e o cooperativismo chegou ao plano político, contribuindo para a divisão social e política do distrito de Gaurama. Nas relações do trabalho, as duas empresas tinham características semelhantes na produção da banha e dos demais derivados, os funcionários executavam praticamente as mesmas tarefas com os mesmos objetivos e com o mesmo sentimento de segurança em relação ao gerenciamento das mesmas. Ambos colocaram Barro em outro patamar econômico, pois a industrialização e o aumento de emprego fomentou a ocupação urbana. O salário mensal proporcionava a segurança familiar, independentemente se justo ou não. As empresas tinham em seu entorno a residência da maioria de seus funcionários, morando em casas da própria empresa ou de propriedade particular. Isso de certa forma criou um sentimento familiar entre os moradores e a empresa, como mostra a foto 9 para o caso do Frigorífico Ipiranga. O desenvolvimento de Barro seguiu o processo capitalista, desde as relações comerciais e a criação de empregos pelo setor industrial. A concentração de riqueza ficou com alguns,

dentre eles comerciantes que impulsionaram a economia local e, posteriormente, foram acionistas na construção do Frigorífico Ipiranga.

Foto 09: Arredores do Frigorífico Ipiranga.



Fonte: Acervo Museu Municipal.

A indústria frigorífica de Barro tinha duas formações distintas de capitalização: uma de sociedade de quotas e outra através da ação cooperativada mas, inseridos no mesmo contexto sulino do final da década de 1930, estava focada no refino da banha com apoio do governo Estadual. A concorrência de ambas as empresas em Barro esteve muito além das questões econômicas. Dentro de um processo de polarização social, participavam ativamente dos movimentos políticos locais.

O levantamento histórico da evolução do processamento da banha, da criação de instituições classistas e do papel político-econômico no estado demonstrou que, no âmbito de Barro, as duas sociedades instituídas estiveram em campos políticos opostos se considerarmos as origens e as finalidades das organizações a que estavam afiliadas: a Sociedade de Productos Suínos Barrense Limitada (posteriormente Frigorífico Ipiranga Ltda) tinha vínculos com a Sociedade de Banha Sul-Riograndense, ao passo que a Cooperativa de Produção de Banha Santa Isabel Ltda, vinculava-se à Cooperativa Sul-Riograndense da Banha, criada no estado justamente para se opor à atuação da outra entidade. (Wolff, 2005, p. 230.)

O Sindicato da Banha era vinculado aos setores do capital, enquanto as cooperativas representavam os pequenos produtores. Isso, no contexto de Barro, foi determinante para a divisão social. Durante o funcionamento das empresas essa polarização alimentou as disputas políticas e esportivas, algo que fortaleceu a relação das empresas com seus funcionários. Aliança, Grêmio Santa Isabel e Ipiranga foram as forças futebolísticas da cidade, inicialmente através da rivalidade entre Aliança e Grêmio Santa Isabel e, posteriormente entre Grêmio Santa Isabel contra o Ipiranga.

O nome “Barro” provavelmente surgiu por haver próximo à Estação Ferroviária um banhado no qual se extraía barro. O Decreto-Lei municipal nº 720 de 29 de dezembro de 1944 alterou o nome de Barro para Gaurama, nome com possível ligação com a língua Tupi-Guarani: GAU seria lama, barro, e RAMA terra. Terra do Barro.

2.5. O Movimento de emancipação.

Foi uma emancipação tumultuada. Sendo distrito de Erechim e maior produtor de trigo do município, Gaurama, em seu movimento emancipacionista, desencadeou uma disputa interna com apoiadores e contrários. O prefeito Erechinense José Mandelli Filho entrou com mandato de segurança contra o movimento, tentando ao menos diminuir o território proposto. Com todos os acontecimentos registrados em um livro de Atas com suas folhas rubricadas por Antonio Burin, escrivão distrital, a comissão emancipadora reunia-se no Clube Aliança, com atuação destacada do senhor Mieceslau Thimoteo Rajewski, presidente da Cooperativa Santa Isabel.

Com uma campanha intensa, os movimentos envolviam panfletos, ações no interior do município, propaganda pagas em rádios de Erechim, viagens a Porto Alegre e a busca de apoio da igreja católica. Estas foram algumas das ações implementadas pelo Dr. Vinícios Scrofernekere Nilo Hoppen após sua inclusão ao grupo da comissão central.

Os argumentos em favor da emancipação enalteciam as vantagens do auto-governo, as vantagens da proximidade do poder municipal, bem como a aplicação dos recursos gerados no novo município. De outro lado, o município de Erechim tentou reter o movimento usando de contra propaganda, argumentando que Gaurama gastava mais do que arrecadava e focando na população do interior para tentar reverter a situação.

O Movimento político do senhor Guido Giacomazzi, diretor da Cooperativa Santana de Getúlio Vargas, ligada à Cooperativa Santa Isabel de Gaurama, na capital do Estado, resultou no pedido de consideração do deputado João Caruso ao prefeito municipal de Erechim, no sentido da retirada do mandato impetrado no foro de Erechim conta a emancipação. Finalmente, em 18/11/1953, José Mandelli Filho retirou o município de Erechim do movimento contra a emancipação, mas continuou o movimento para impedir que as áreas de Severiano de Almeida e Três Arroios entrassem no território do novo município.

Nesta mesma data, o processo de emancipação foi entregue em Porto Alegre pelos senhores Antonio Burin e Mieceslau Thimóteo Rajewski. O comunicado sobre o resultado do Plebiscito foi apresentado pelo secretário da Comissão em 20/12/1953 em documento com o timbre da Cooperativa Agrícola Mixta Santa Isabel Ltda, com 63,6% pró emancipação e 36,4% contra.

A comissão emancipadora dissolveu-se em 28/12/1954, sem antes tentar construir unidade partidária na eleição do primeiro prefeito municipal, a qual não foi possível. O PTB de Mieceslau Thimóteo Rajewski, com núcleo de apoio da Cooperativa Mixta Santa Isabel Ltda indicou Carlos João Busanello a candidato a prefeito, com o apoio do PSD, tendo como adversário Antônio Burin, com o apoio do Frigorífico Ipiranga.

Antônio Burin foi o primeiro prefeito eleito do município de Gaurama.

Quadro dos prefeitos de Gaurama		
Prefeito	Partido	Ano de posse
Antônio Burin	PSD	1954
Libano Alves de Oliveira	PTB	1959
Francisco Antônio Sciesleski (Vice-prefeito, assume o cargo no último ano de mandato)	PTB	1962
Ruby Wolff	PSD	1963
Ruy Joaquin Ramos	ARENA	1968
Arno Margarinos	ARENA	1972
Benito Antonio Bruschi	PDS	1982

Egidio Todeschini	PDS	1988
Leonel Dario Lanius	PMDB	1992
Egidio Todeschini	PDS	1996
Darci Maito	PTB	2000
Benito Antonio Bruschi	PFL	2004
Gilmar José Saccomori	PMDB	2008/2012
Leandro Marcio Puton	PDT	2016/2020

No período em que ambas as empresas estiveram em funcionamento nota-se a força do capital no resultado das eleições municipais, com exceção da eleição de 1959 vencida pelo PTB. Considerando-se que no período do regime militar a ARENA era o partido do governo federal e praticamente mandava na grande maioria dos municípios do país, nos anos sem ditadura militar a força dos partidos de direita continuou evidente. A questão do poder econômico somado à oferta de trabalho esteve sempre ao lado da direita, com exceção da Cooperativa que, enquanto seus comandantes eram vinculados ao PTB manteve-se na oposição. Nas décadas seguintes lentamente partidos de centro-esquerda voltaram a governar.

2.6 O futebol e sua ligação com a sociedade e a economia local

O futebol teve papel fundamental no processo de organização e no estabelecimento da população local, aproximando as pessoas indiferente à situação social. Os mais habilidosos dentro da classe trabalhadora acabavam inseridos em um contexto social paralelo. Jogadores trabalhadores ou filhos de trabalhadores transitavam entre os dois polos sociais, algo incomum no cotidiano local. Na comunidade urbana o futebol tornou-se popular, e aos poucos começou a ser praticado nas comunidades do interior, intensificando as relações entre os cidadãos. Ainda hoje, na grande maioria destas, existe o campo de futebol, abandonado, servindo de estacionamento. Esporte praticado pelos homens da comunidade (com exceção de alguns times femininos surgidos ao longo dos anos), tinha o poder de envolvimento em uma disputa que pressupunha a igualdade de condições. Dentro

do campo, além do resultado, estava a motivação por parte dos detentores do capital de confirmar sua superioridade e de outro lado o sentimento de independência do poder e superação, paralelo às dificuldades financeiras da classe dos trabalhadores.

Os dois frigoríficos, Ipiranga e Cooperativa, tiveram nas equipes de futebol um importante aliado na relação patrão-empregado. A oferta de emprego condicionada a jogar futebol se estendia não só ao atleta mas à sua família tornou-se algo normal. Esse envolvimento entre esporte e produção estava longe de ser algo justo: os salários pagos não davam uma condição confortável para as famílias, que em sua quase totalidade precisava encontrar outras formas de subsistência. Era comum nos imóveis o espaço da casa, da horta, do galinheiro, do chiqueiro, de uma vaca para produzir leite. Por mais de três décadas as empresas tiveram mão de obra barata, decidindo os rumos da vida de seus funcionários. A possibilidade de organização sindical nunca esteve presente, a oferta de emprego era vista como um presente pela população trabalhadora, as desavenças entre patrão e funcionários estavam na sua grande maioria nas disputas do futebol. Parte da oferta de trabalho estava no comércio e nas pequenas indústrias e prestadores de serviço de Barro, mas os frigoríficos representavam a grande maioria dos trabalhadores assalariados.

Meu marido tinha um fábrica de vassouras, a produção ia com o trem para Santa Catarina, eu cuidava de um pequeno armazém, nunca trabalhamos na cooperativa, mas todos nossos amigos trabalhavam lá, sempre fomos do Santa Isabel e não gostávamos do Aliança e depois do Ipiranga, nem da torcida de deles, as pessoas precisavam do emprego, a vida era difícil, os filhos, ainda jovens, começavam a trabalhar nas empresas para ajudar no orçamento de casa. (Entrevista com Leonilda Puton)

O futebol surgiu em Gaurama na década de vinte (1924 e 1929) através do clube Sete de Setembro e do Clube Cruzeiro. Em 1931 surgiu o Barrense Football Club (foto 10) que em 1938 tornou-se a Sociedade Esportiva e Recreativa Barrense, campeã em 1938 e 1941 do campeonato municipal de Erechim.

Foto 10. Barrense Football Club.



Fonte: Acervo Municipal

O futebol amador tornou-se a principal atividade de lazer para a população local. O time de futebol do Aliança foi criado em 1942 a partir da união da Sociedade Recreativa e Esportiva Barrense e da Sociedade Italiana Mafalda. A fusão decorreu da proibição por parte do governo Getúlio Vargas (1940) da disseminação de outras línguas senão a língua portuguesa, ocasionando o final das sociedades étnicas. O futebol era, juntamente ao jogo de bolão, a principal atividade do clube, que possuía sede social própria e o campo da caneleiras, nome dado em virtude do grande número de árvores de canela no local. O campo de futebol tinha arquibancadas de madeira e sua sede social mostrava o poder econômico de seus associados. O local frequentado apenas pelos associados, exceto pelos atletas do time de futebol. O Aliança tinha uma posição elitista inclusive no futebol, com investimentos econômicos no time, o que o levou à disputa do campeonato estadual, uma divisão abaixo na qual jogava a dupla grenal, em 1966. Destoava assim da realidade futebolística das demais equipes locais Seu clube social ainda está localizado no mesmo lugar, próximo à praça da matriz e da Igreja. O time de futebol tornou-se referência amadora regional e estadual, muitos foram os campeonatos e as conquistas, como o campeonato citadino amador de 1963 (foto 11) e jogos memoráveis com o Ipiranga de Erechim (foto 12), e a rivalidade com o Grêmio Esportivo Santa Isabel, no qual surgiu o Clássico Alibel.

Foto 11. Aliança, campeão citadino amador de 1963.



Fonte: Acervo Museu Municipal

Foto 12. Ypiranga e Aliança, 1966.



Fonte: Acervo Museu Municipal

O futebol amador no município era o lazer da classe trabalhadora e consolidou a rivalidades entre o frigorífico e cooperativa. O time de futebol de operários da cooperativa, o qual levava o nome da mesma, passou a disputar com o Aliança, o que motivou a

organização de ambos os lados, Não demorou para o diretor da cooperativa notar a movimentação de seus funcionários em torno de um time de futebol, o qual passou a incentivar. Dentro do campo começou a intensificar o posicionamento contrário em relação ao frigorífico Ipiranga e a polarizar não só o futebol mas também a economia, as relações sociais e o posicionamento político.

O Grêmio Esportivo Santa Isabel surgiu dentro da cooperativa, seus funcionários eram os atletas, suas famílias a torcida e em sua grande maioria residiam no entorno da empresa em moradias próprias ou cedidas pela mesma, o que gerava um movimento importante na mobilização e envolvimento em torno da marca da cooperativa. No início disputavam amistosos, torneios, em um campo localizado em uma área do Estado que de épocas em épocas era usado pelo Aliança. Com o surgimento da rivalidade, o campo foi solicitado pelo Aliança, havendo uma disputa na delegacia onde o Grêmio teve que abandonar o espaço e retornar ao antigo campo Tampa do Baú, o qual tinha como característica o desnível do terreno (foto 13). O clube sempre teve sua História ligada ao sentimento dos trabalhadores da cooperativa. Diante da ação do Aliança, o Gerente da Cooperativa disponibilizou recursos para financiar a compra do terreno para construção do campo de futebol (foto 14), desde então teve posicionamento político direcionado pela empresa. Usava sua sede como referência para o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), posteriormente para o Movimento Democrático Brasileiro (MDB) e, mais adiante, para o Partido Democrático Trabalhista (PDT), Esse último teve sua fundação no município com base do Clube, com membros da diretoria compondo a executiva e automaticamente o comando do partido, tendo sempre a posição de oposição ao governos municipais. Estes, com exceção da eleição de 1958, foram sempre governos de direita. Nos anos 1970, com a expectativa da redemocratização, as conversas partidárias estavam presentes nas reuniões do clube, somando-se a isso o tão sonhando retorno ao comando do poder executivo do município. Diante desse posicionamento político, as retaliações sempre aconteceram, a dificuldade econômica, reflexo do fechamento da Cooperativa, somado ao poder aquisitivo baixo dos associados do Grêmio Santa Isabel transformava a manutenção do mesmo um grande desafio. Desde sua criação a ação da direita sobre a mão de obra dos membros ditava os avanços da estrutura do mesmo, prova é a construção do campo. Ainda sendo distrito de Erechim, o prefeito Mandeli (PTB) determinou o envio do trator para

terraplanagem, o qual somente chegou no final do dia e foi recebido com fogos de artifícios. Cada membro contribuiu no plantar da grama, homens e mulheres e crianças trabalharam na colocação em forma de leivas; as mulheres sempre estiveram presentes, personagens ativas no trabalho e nos jogos, formando sempre uma torcida empolgada que acompanhavam as partidas.

Foto 13: Grêmio Esportivo Santa Isabel, no campo da Tampa do Baú, 1950.



Fonte: Acervo Museu Municipal.

Foto 14: Grêmio Esportivo Santa Isabel, no campo da Tampa do Baú (1956).



Fonte: Acervo Museu Municipal.

O Sport Clube Ipiranga foi criado em 1958. Surgiu dentro do Frigorífico Ipiranga, através de seus funcionários que criaram um time de futebol, muito semelhante ao Santa Isabel. Desde a década de 1930, mais precisamente com a construção da empresa, funcionários jogavam futebol em um terreno próximo, descalços, com camiseta e de bermudões até o joelho. Passaram a jogar amistosos e adotaram o nome Ipiranga. Com o tempo o time passou a ser reconhecido pelo frigorífico o qual, no ano de 1957, cedeu o terreno para a construção do campo de futebol, e da mesma forma da concorrente, seus funcionários moravam em casas da empresa ou de sua propriedade, mas tornou da mesma. O funcionário que jogava futebol tinha o emprego assegurado desde que jogasse no time da empresa. O frigorífico era ligado ao Partido Social Democrata (PSD).

2.7 A falência das empresas

A geração de emprego e renda estava ligada diretamente ao funcionamento das duas empresas. Com a falência das mesmas, a economia urbana local sofreu um enorme impacto. Famílias ficaram sem emprego e perspectivas, algumas migraram para outras cidades, mas a maioria teve que encontrar soluções paliativas. O desespero tomou conta. Não podemos deixar de associar o crescimento populacional à necessidade de mão de obra das empresas. Durante décadas a Vila e, após, o município, tiraram delas grande parte do movimento econômico local. Por dois momentos, o encerramento das atividades da cooperativa em 1973 e do frigorífico em 1978 trouxe o desemprego. No primeiro muitos foram os funcionários que migraram da Cooperativa para o Frigorífico mas, com a falência do mesmo, o município praticamente perdeu o principal reduto industrial, acarretando uma nova realidade social e econômica. A massa falida do Frigorífico foi vendida no início dos anos 1980 para a cooperativa Cotrisoja, a qual foi sucedida pela Perdigão, sendo que a atividade frigorífica nunca mais foi retomada no município.

A falência de frigoríficos não foi exclusividade de Gaurama. A região norte acompanhou o fechamento de muitas empresas na época. Muitos foram os fatores, entre eles a produção de soja, a substituição da banha pelo óleo vegetal, a falta de qualidade dos suínos, técnicas ultrapassadas de manejo, dificuldade de atualização industrial, conflitos de interesse de acionistas e associados, a diminuição de matéria prima, enfim muitas outras possibilidades a serem pesquisadas para entender o fim das atividades. O resultado atingiu

parte do setor de arrecadação do município. Por fim, saliente-se que os processos de emancipação do final da década de 1980 submeteram a cidade a um processo de descapitalização que durou por muitos anos.

2.8 Os clubes de futebol

O fim das empresas não impediu que o futebol continuasse. Os campos de futebol continuaram com a rivalidade, campeonatos e jogos dominicais mantiveram o esporte ativo na cidade. Como sinal de resistência, os trabalhadores encontraram, diante das dificuldades econômicas, caminhos para manter as equipes. A dificuldade econômica era tanta que muitas vezes as bolas eram pintadas de branco com tinta a óleo. As equipes reduziram suas atividades para os campos dentro do município com o envolvimento de várias comunidades do interior. Porém, a organização e qualidade das equipes da cidade predominava, o que praticamente decretava que a maioria das decisões de campeonatos ocorresse no clássico municipal, que na grande maioria das vezes terminava em pancadaria dentro e fora do campo.

Na época da cooperativa, a produção era grande. Matava-se duzentos suínos por dia, quantidade maior que a Sadia de Concordia/SC. Lá era cem suínos por dia, lembra o senhor Adelino Varotto, popularmente conhecido por "Tato Varotto". Os porcos chegavam de caminhão e carroça, os agricultores recebiam em dinheiro e também trocavam por mercadorias, tinham uma loja grande lá, até gado de vacaria trouxeram, vinham em tropas, quando comecei trabalhar era na parte do desmanche, a banha ia de trem para São Paulo e Rio de Janeiro, ia de caminhão também, chegou a fazer uma viagem até a cidade do Rio de Janeiro, de caminhão oito dias para ir e voltar.

Tato Varotto⁴ começou a jogar no Santa Isabel com 15 anos. Ajudou a construir o campo e, após prestar o serviço militar, voltou a jogar no Santa Isabel, mas, o presidente da cooperativa na época, Dalagnol, torcedor do Santa Isabel, mudou de lado, tornou-se diretor de futebol do Aliança e, diante de tanta rivalidade, deu emprego para o senhor Tato com a condição de mudar de time. Outros jogadores/trabalhadores tiveram que seguir a mesma linha.

⁴ As entrevistas foram realizadas entre os anos de 2022 e 2023, com o intuito de poder estar ouvindo o relato das pessoas que vivenciaram a época, e que estiveram jogando futebol bem como trabalhando nas duas empresas.

A rivalidade era tanta que os caras se encontravam na rua e não se olhavam na cara. O aliança jogava a classe especial do futebol Estadual, uma abaixo da dupla grenal, a primeira divisão, jogávamos contra o Ipiranga de Frederico em 1969, Criciumal, Tenente Portela e Três Passos. A partidas era lá e cá. Jogamos em Guaporé, mas a grande rivalidade era local, contra o Santa Isabel. Parei de trabalhei na cooperativa antes dela fechar. Quando os jogos eram aqui, enchia de torcedores, não tinha alambrado somente um corrimão, faltava lugar para assistir (Entrevista com Tato Varoto).

Quando as partidas eram realizadas no campo dos adversários, a equipe do Aliança ia de ônibus, através de estrada de chão. Saíam pela para jogar à tarde e, quando a distância era grande, um dia antes.

Quando eu fui trabalhar no Frigorífico Ipiranga, eles pediram para mim ir jogar no time do Ipiranga, chamavam os jogadores do Santa de Torresmeiros. Eu sempre defendia a hora do jogo, fora de campo eu mantinha a amizade com jogadores do outro time (Entrevista com Tato Varoto).

Tato jogou nos três times e era quarto zagueiro. Atesta que o futebol era bom, lembra do nome da grande maioria dos colegas de time, e que o futebol era o único lazer para a população trabalhadora, com exceção do cinema de sábado à noite. O fim das empresas foi muito ruim para o município, pois as pessoas tiveram na sua grande maioria que ir embora com toda família. Nos jogos de campeonatos vinham árbitros da federação gaúcha para apitar as partidas, mesmo no campeonato municipal. Já nos amadores o time visitante colocava o árbitro. Trabalhador na duas empresas, ele e colegas não recebiam altos salários, eram trabalhadores simples, mas tinham a convicção que as empresas nunca iriam falir, nunca prestaram atenção na linha de administração, apenas que muitos cargos de chefia eram indicações políticas.

Os jogos eram no domingo, toda terça-feira e quinta-feira tínhamos treinamento, na sexta-feira tinha um abate bola para amaciar.

Amávamos o futebol. As pessoas antigas mantem até hoje a rivalidade, mas com respeito (Entrevista com Tato Varoto).

Quando parou de trabalhar no Frigorífico, voltou ao Santa Isabel até parar de jogar futebol.

A década de 1970 representou uma mudança nas relações econômicas do município, mas também foi marcante no futebol. Com o fim do futebol do Aliança, a rivalidade local estava entre Santa Isabel e Ipiranga. Este praticamente mandou nos campeonatos locais, um período de glória do time verde e amarelo. Tinha um time praticamente imbatível. Com a falência da cooperativa, muitos jogadores do Santa Isabel, por uma questão de empenho, tiveram que migrar para o time rival, fortalecendo o principal concorrente, acontecimento muitas vezes não perdoado pela torcida.

Tínhamos um amor pelo futebol, tinha o meu tio Agenor, jogador do Ipiranga e todas as terças e quintas nos levava a treinar o Ipiranga, víamos todo aquele pessoal do frigorífico saindo do serviço, dava 40 pessoas nos treinos, os jogadores eram nossos ídolos, quando sobrava uma vaga no final davam espaço para os jovens jogar. No quadro da estação ferroviária (terreno) tinha um depósito de areia da empresa Serra Malte que fez a BR153, a areia que sobrou o prefeito da época fez um campo e ali acontecia torneios. Eu tinha amigos, colegas de escola que era do Santa Isabel, e eles me convenceram a ir jogar lá, onde surgiu o Bayer (Entrevista com Gilberto Fontana).

O Bayer surgiu como um time juvenil do Santa Isabel em um momento onde a hegemonia era toda do rival Ipiranga. Eram jovens colegas de aula que encontraram valorização e espaço para jogar numa época em que a disputa por vagas nos times principais era intensa. O Bayer foi vice-campeão municipal no ano de 1978, perdendo a final para o time principal do Ipiranga nos pênaltis. Segundo Gilberto Fontana, um jogo perdido na malandragem dos adversários, com muitos ex-jogadores profissionais do Ipiranga de Erechim bancados financeiramente pelo Frigorífico Ipiranga. O time mandava

na região, ninguém podia com eles. O frigorífico bancava tudo: fardamentos, alimentação, transporte. Quem não treinava no sábado não jogava no domingo, depois do treino iam para casa e depois da janta voltavam para fazer uma reunião sobre as ações do time. As reuniões aconteciam na casa do senhor Felicio Baldissera, As primeiras camisas foram doação do time principal do Santa Isabel, nas quais foram feitas costuras para poderem ser usadas. O primeiro terno comprado foi fruto da vitória de um torneio que teve como prêmio um porco que foi vendido para fazer dinheiro. Segundo o senhor Gilberto Fontana.

Tínhamos que nos preparar para os jogos, todos os domingos eram de 300 a 400 pessoas nos campos, tanto no Santa Isabel como no Ipiranga porque na segunda feira, meu Deus do céu, os cara moíam. Em 1975 o Internacional de Porto Alegre tinha uma tática de linha impedimento, assistíamos o internacional do Rubens Minelli e fazíamos a mesma tática, treinávamos e nos dedicávamos. O senhor Felicio Baldissera era o treinador, dava tranquilidade para o time, ficávamos sentados no vestiário antes do jogo e ele falava individualmente com cada jogador. O Santa Isabel e o Ipiranga além de rivais dentro de campo tinham a questão política, a direita contra a esquerda estava presente (Entrevista com Gilberto Fontana).

O time do Bayer terminou no início dos anos 1980. Vários jogadores foram estudar fora do município, os demais passaram a integrar o time principal do Santa Isabel, o qual voltou a jogar o campeonato estadual amador.

2.9 O operário jogador: a trajetória de Odilio Massaro “Nini” como um estudo de caso.

O jogador de futebol é uma pedra a ser lapidada. Não basta gostar de jogar, ele tem que se tornar íntimo da bola e a bola dele. Seja amador ou profissional (dadas as medidas e contribuições que transformam o jogador em atleta) as oportunidades e a distância de grandes centros provavelmente esconderam da história grandes jogadores. Em toda cidade,

em cada geração, sempre teve alguém próximo da bola. O jogador e trabalhador Odilio Massaro, conhecido como Nini é um desses.

Odilio Massaro era filho de operários da cooperativa. Cresceu dentro do Santa Isabel, onde desde jovem era atleta dos aspirantes. Com quatorze anos de idade foi morar com o irmão mais velho na cidade de Erechim. Trabalhou como entregador de pão, em posto de combustível, no frigorífico da cidade e prestou serviço militar. No retorno do quartel voltou para Gaurama, foi contratado como funcionário da Cooperativa Santa Isabel e automaticamente jogador do Grêmio Santa Isabel onde sagrou-se campeão regional. Ponteiro esquerdo canhoto, Nini era um dos melhores jogadores do município, provavelmente o melhor na época. Teve convite para treinar no Ypiranga de Erechim mas a falta de recursos financeiros, algo comum entre os trabalhadores, impediu a sequência de uma possível carreira profissional. Um jogo marcante foi contra o Lutador da cidade de Lajeado. Jogando em Gaurama, a equipe adversária abriu uma vantagem de dois gols no primeiro tempo, resultando em uma virada emocionante na segunda etapa onde os três gols do Grêmio Santa Isabel saíram de passes de Nini, sendo o terceiro gol aos quarenta e cinco minutos do segundo tempo, em um escanteio cobrado por ele.

Os treinos físicos aconteciam todas terças-feiras e quintas-feira. Nas quartas e sextas havia o trabalho com bola. No sábado coletivo leve, alguns concentravam no hotel da cidade para o jogo do domingo. Não recebiam salário mas nos dias de jogos importantes sempre tinha alguém que passava o chapéu para arrecadar o “bicho” para os jogadores, muitas vezes o “bicho” era melhor que o salário mensal.

O bom momento do Santa Isabel começou a desmoronar com a mudança na diretoria da Cooperativa. A presidência deixou de ser apoiadora do Santa Isabel. Vinculada ao Aliança, a direção passou a condicionar que os funcionários atletas da cooperativa deixassem de jogar pelo Santa Isabel e migrassem para o time de futebol rival. Seus principais jogadores, entre eles Nini, mesmo contra sua vontade e de sua família passaram a jogar pelo Aliança, pois esta era a garantia do emprego. Segundo Nini:

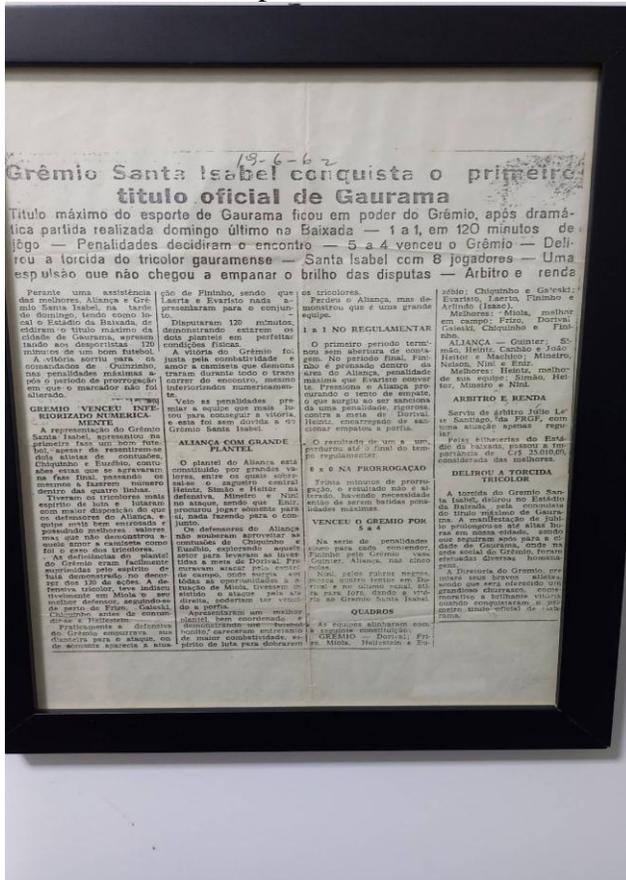
Quando aceitei jogar pelo Aliança minha família foi contra, minha mãe chorava, sofri muita pressão. Num final de tarde estava indo para casa e fui avisado para não seguir

sozinho pois três pessoas estavam me esperando para me agredir no caminho... Então fui acompanhado de dois amigos e nada aconteceu. Dias depois fiquei sabendo que um dos três era o Neco, meu irmão.

Com a saída dos principais jogadores e o fim do apoio da cooperativa, o Santa Isabel passou a ter muitas dificuldades que acabaram levando, com o passar dos anos, a desativação das atividades.

No Aliança, Nini continuou a ser o excelente jogador, ganhando títulos e jogando o campeonato Estadual Amador, “quando ingressou na segunda divisão do futebol Estadual o Aliança, com seu poderio econômico fez uma rifa com três fuscas novos como premiação para arrecadar recursos para a manutenção do time”. No campeonato municipal de 1962, a disputa foi entre Aliança e Santa Isabel. O Aliança venceu o jogo de ida e Santa Isabel o de volta. O terceiro jogo, no campo do Atlântico de Erechim, terminou com empate no tempo normal e decisão por pênaltis. Na época somente um atleta batia o pênalti, e Nini era o batedor do aliança. O jogador do Santa Isabel converteu os cinco, ele os quatro primeiros e no último, como ele mesmo disse, sentiu uma enorme pressão. Abola rasteira que saiu ao lado do gol foi algo que perseguiu Nini por um bom tempo, pois a torcida do Aliança passou a dizer que ele errou propositalmente (Foto 15).

Foto 15: Jornal da época com matéria sobre a vitória do Santa Isabel.



Fonte: Acervo pessoal de Odilio Massaro (Nini)

Nos jogos pelo campeonato Estadual, era cobrado ingresso. Ele lembra que tinha a regalia de convidar familiares para assistir ao jogo sem pagar, algo que poucos atletas podiam fazer na época. Sua ligação com o Santa Isabel era familiar e social, a questão de jogar no Aliança não colocava ele e os demais trabalhadores em outra posição social na comunidade local, o que desencadeou um convite por parte do Presidente do Santa Isabel para jogar um amistoso na cidade de Getúlio Vargas contra a equipe do Lutador, que jogava a segunda divisão do campeonato Estadual. Ele convidou mais dois atletas do Aliança para o jogo e, na segunda-feira, quando chegaram na cooperativa para trabalhar, foram demitidos.

Nini retornou a jogar futebol pelo Santa Isabel, no qual sagrou-se campeão regional. Conseguiu trabalho na prefeitura municipal, na época sob o comando do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), emprego que durou até a posse do novo prefeito eleito, esse então do PSD.

A dificuldade em arrumar empenho naturalmente levou Nini a aceitar uma proposta de trabalho no frigorífico Ipiranga (foto 16), logo deixou de jogar pelo Santa Isabel e foi jogar pelo Ipiranga. O Santa Isabel acabou fechando suas atividades e seus jogadores dividiram-se entre outras equipes.

Foto 16. Nini trabalhando no Frigorífico.



Fonte: Acervo pessoal de Odilio Massaro (Nini).

Odilio (Nini) teve papel fundamental na retomada das atividades do Grêmio Santa Isabel. Ainda funcionário do Frigorífico Ipiranga, movimentou colegas a voltarem a formar uma equipe de futebol, precisou grande força de convencimento para conseguir as camisas do time junto ao Senhor Constante Puton, o qual com a desativação ficou com a guarda dos fardamentos e demais bens móveis da agremiação. Aos poucos retornaram-se as atividades, primeiramente jogando torneios locais com a tática de empatar as partidas para serem decididas nas penalidades, onde Nini fazia a diferença. Ele deixou de trabalhar no Frigorífico e voltou a jogar no Santa Isabel até parar definitivamente de jogar futebol.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vila de Barro, como outras tantas localidades do norte do Rio Grande do Sul, foi fruto da ligação ferroviária do sul com o centro do país, juntando o processo de extração e comercialização da madeira e o fracionamento da terra em lotes, os quais foram gerenciados e vendidos tanto pelo estado como pela iniciativa privada. O estado do Rio Grande do Sul no início do século XX estava acompanhando a decadência do seu principal produto exportador do século anterior: o charque. O processo de industrialização, mesmo inferior ao do centro do país, começava a transformar o cenário do trabalho e da economia. O povoamento da parte norte do estado possibilitou a migração de famílias da região das Colônias Velhas, local onde a disponibilidade de novos lotes de terras para agricultura era limitada, ampliando a ocupação territorial e fazendo surgir novos vilarejos e cidades que contribuíram para a expansão capitalista do Estado. Dentro do contexto de povoamento estava o núcleo familiar rural, que trouxe para região a criação de suínos – que representava a segurança alimentar, uma vez que além da carne e seus derivados ainda produzia a banha, e que aos poucos tornou-se um dos principais produtos de exportação do Estado. No princípio era utilizada apenas como produto de consumo interno. Aos poucos, fortaleceu a economia de pequenos produtores e a ampliação comercial de pequenos comércios que na relação direta com o produtor, usava bens de consumo em troca da banha que era comercializada para grandes centros urbanos, fomentando o aumento de capital e o enriquecimento dos comerciantes que passaram a investir na sua industrialização.

O surgimento de frigoríficos deu-se primeiramente através de empresas estrangeiras que foram sendo substituídas por empresas de cotas e passaram a receber investimentos de um comércio fortalecido. Constituíram uma nova categoria de trabalhadores que ingressavam no mercado de trabalho sem direitos consolidados, com maior valorização salarial masculina e a exploração de mão de obra feminina e de crianças. O mundo empresarial do início do século XX no Estado do Rio Grande do Sul procurou constituir uma relação de dependência e submissão com seus funcionários, acarretando em certos momentos na organização e decretação de greve por alguns setores da classe trabalhadora. O poder do capital do setor frigorífico resultou no surgimento do Sindicato da Banha, uma organização formada para controlar a compra, produção e exportação do produto, formando

um cartel com apoio do governo estadual da época. Em paralelo, surgiu o investimento de cotas e a organização de produtores através de cooperativas produtoras de banha. É importante ressaltar que além da banha, os frigoríficos produziam vários produtos alimentícios a partir da matança de porcos.

O surgimento de frigoríficos no interior do Estado contribuiu para um crescimento do trabalho urbano que moldou muitas vilas e cidades. No caso da vila de Barro, posteriormente município de Gaurama, não foi diferente. A banha produzida nas pequenas propriedades rurais e comercializada na área urbana com o comércio local e, posteriormente, através da ferrovia, alcançando Porto Alegre e São Paulo, despertou nos comerciantes locais – que acumularam capital – o interesse da industrialização do produto. Assim nasceu o Frigorífico Barrense e posteriormente Frigorífico Ipiranga, uma sociedade de cotas. As disputas a nível estadual entre capital e cooperativas acelerou a expansão frigorífica e na região norte surgiram cooperativas em contraponto ao investimento de cotas. Em Barro, na década de trinta, além do frigorífico, foi criada a Cooperativa Santa Isabel. Ambas empresas disputaram por mais de três décadas não só a matéria prima mas os espaços, os trabalhadores, o esporte e o poder local. A ferrovia desencadeou a transformação da região e abriu caminhos para o fortalecimento capitalista. A ocupação do território onde hoje está o município de Gaurama com todo seu processo de desenvolvimento moldou a sociedade atual.

A concentração de renda em Barro igualmente moldou a comunidade. O fortalecimento de setores comerciais foi criando uma ocupação urbana dividida fisicamente no mapa local e visivelmente na arquitetura das moradias. Na agricultura, a pequena propriedade estava baseada na subsistência familiar. Já a classe trabalhadora vivenciou a experiência de migrar das atividades de prestação de serviço ao mundo da produção industrial quando da implementação de dois frigoríficos, os quais trouxeram as disputas por matéria-prima, posição social e política do Estado do Rio Grande do Sul. O pequeno vilarejo foi desenvolvendo-se até tornar-se município em meio a uma constante rivalidade entre as empresas que tinham seus trabalhadores como fiéis defensores. A relação estava muito distante dos debates acerca dos direitos trabalhistas. Elas tinha como base ações comuns para o empresariado estadual, como por exemplo a cedência de residências, salários atrativos para os homens, investimento no lazer e financiamento de times de

futebol. A forma de agir buscava fomentar a polarização da produção das empresas onde o salário não era tema de debate mais sim as conquistas sobre a concorrência. Num recorte dos anos de 1960 e 1970 procuramos, com entrevistas de antigos funcionários e jogadores de futebol da época, entender a relação das empresas com os times de futebol que surgiram dentro da fábrica. Os entrevistados migravam de um time para outro, ou seja, do frigorífico para a cooperativa e vice versa. Dentro da necessidade de emprego relatam as dificuldades financeiras e que a distância para os grandes centros não trouxe os debates sobre direitos trabalhistas. A figura do sindicato nunca esteve em pauta. A maioria dos funcionários sentia que devia obrigação para o seu chefe por ter um emprego. A sociedade local era dividida entre uma elite detentora do capital e a classe trabalhadora. Essa divisão consolidou uma economia de trabalhadores assalariados desde a década de 1930. Os relatos dos entrevistados dão a dimensão das dificuldades e de quanto a necessidade de emprego interferia inclusive na relação familiar. Quando destacamos o futebol local, os entrevistados mantêm vivo na memória acontecimentos importantes nas suas vidas. O esporte, além de ser o único lazer coletivo, envolvia toda a sociedade. Os jogadores eram celebridades: durante a semana trabalhadores dos frigoríficos e nos finais de semana heróis e vilões ao mesmo tempo. Os relatos dos entrevistados são semelhante: integrantes de uma classe trabalhadora pobre e defensora da empresa.

O futebol esteve a serviço da produção. Seu financiamento pelos frigoríficos condicionou o acirramento da disputa entre funcionários (importante ressaltar que tal disputa nunca ficou evidenciada entre as diretorias das empresas), levando a um comportamento de separação social entre a classe trabalhadora, jogadores e torcedores do time do Aliança, do Santa Isabel e do Ipiranga. Mesmo residindo em um pequeno espaço urbano, não tinham relações de amizade e mantinham a rivalidade de dentro de campo no seu cotidiano. As pessoas que não eram funcionários ou acionistas das duas empresas frigoríficas tomavam lado e automaticamente se adaptavam a essa separação. A localização das empresas em dois polos distintos contribuiu para o povoamento no entorno delas, onde seus campos de futebol eram próximos. O comerciante que se identificava com algum desses grupos automaticamente tornava-se adversário e torcedores do outro time não frequentavam tal estabelecimento. De outro lado, os detentores do capital local sempre deixaram claro seu lugar social em suas atitudes, ao viver à parte do restante da população. Pode-se citar nesse

caso o clube privado Aliança e suas regras de não permitir o uso de seus espaços por pessoas não associadas.

A questão social por muito tempo foi marcada pela segregação. A classe trabalhadora constituiu seu próprio clube social – o Gauramense – como uma forma de contrapor o clube Aliança. Ela identificava-se com o trabalhismo de Getúlio Vargas, algo natural uma vez que as leis trabalhistas criadas pelo Governo Vargas representavam avanços na defesa dos direitos dos mesmos. Por outro lado, a elite local defendia a política liberal, usando de seu poder econômico para interferir na política local ainda como município de Erechim e, posteriormente, de forma muito presente nas eleições municipais de Gaurama.

A questão política esteve sempre presente nas movimentações das empresas. A pressão sobre os trabalhadores ia desde a opção pelo time de futebol até a cartilha que deveriam seguir no período eleitoral. A posição liberal versus o trabalhismo esteve presente durante o período em que - tanto a cooperativa, quanto o frigorífico - estiveram em funcionamento, de certo modo moldando grupos que mesmo após a falência das empresas continuaram com os times de futebol e a disputa política.

A falência das empresas impactou a economia e as questões sociais. O desemprego obrigou famílias inteiras a se mudarem para outras cidades. Trabalhadores que continuaram a residir em Gaurama tiveram que se adaptar às atividades temporárias. Muitos trabalharam a vida toda nos frigoríficos e não tinham outra profissão. Se a situação da classe trabalhadora foi sempre sobreviver com pouco dinheiro, sem ele houve muito desespero e medo (ainda nos anos 70 a maioria das casas dos trabalhadores não possuíam banheiro dentro delas). Nos relatos podemos notar, depois de mais de quarenta anos do fechamento das mesmas, um sentimento de angústia, frustração e incertezas de o porquê do encerramento das atividades.

O trabalho abriu caminhos para aprofundar a pesquisa. Alguns puderam esclarecer acontecimentos históricos com uma visão mais realista. Uma história com poucos relatos escritos e dependendo das lembranças das pessoas que vivenciaram uma parte temporal dos acontecimentos. Foi possível construir uma leitura da história da Vila Barro e posterior município de Gaurama, a qual é rica em acontecimentos decorrentes das ações do

capitalismo no Estado no início do século XX, desde a formação da sociedade, bem como de sua realidade econômica e social.

4. REFERÊNCIAS

ADAM, Paulo. **A banha no Rio Grande do Sul – final do século XIX e primeira metade do século XX.** <https://estudioshistoricos.org/18/eh1805.pdf>

BUENO, Eduardo; TAITELBAUM, Paula. **Indústrias de ponta: uma história da industrialização do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Buenas Ideias, 2009.

CESE. Centro de Ensino Superior de Erechim. **Histórico de Gaurama.** Erechim: Janeiro, 1988

CINQUENTARIO de Erechim 1918-1968.

HERRLEIN JÚNIOR, R. **A transição capitalista no Rio Grande do Sul, 1889-1930: uma nova interpretação.** *Economia e Sociedade*, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 175–207, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643060>.

HERRLEIN JÚNIOR, R. **Desenvolvimento industrial e mercados de trabalho no Rio Grande do Sul – 1920-1950.** FEE, Brasil. Maio, 2003. <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/BBBRpwVJ9ydfhHKJfGqyZcf/>

PESAVENTO, Sandra. **A burguesia gaúcha: dominação do capital e disciplina do trabalho, Rio Grande do Sul 1889-1930.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

TEDESCO, João Carlos. **Colonos, colônias & colonizadores: aspectos da territorialização agrária do sul do Brasil.** Passo Fundo: Ed. Cili; Porto Alegre: Est, Edições, 2008.

TEDESCO, João Carlos. **De olho na balança: comerciantes coloniais do Rio Grande do Sul na primeira metade do século XX.** Passo Fundo: Méritos; Porto Alegre: EST, 2008.

WOLFF, Gladis Helena. **Trilhos de ferro, trilhas de barro: a ferrovia no norte do Rio Grande do Sul – Gaurama (1910-1954).** Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, 2005.